



# A educação e a geografia na arqueologia urbana: os desafios da experiência de olhar dialeticamente Brasília

*Education and geography in urban archeology :the challenges of the experience of looking Brasilia dialectically*

**Edemir Jose Pulita<sup>1</sup>**

---

1 Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade de Brasília. E-mail: edemirjose@hotmail.com.

## Resumo

O artigo analisa as interfaces entre a hipertextualidade e a totalidade urbana, ambas enquanto conceito, paradigma e método. Tal articulação se mostra coerente diante das novas possibilidades de pesquisas, tendo em vista a diversidade das mídias, as diferentes linguagens e a aceleração das velocidades e dos diferentes modos de acessar e socializar conhecimentos que o digital proporciona. Os limiares entre tais categorias se mostram coerentes e neles vislumbram-se um vasto campo de investigação teórica e metodológica, segundo o qual pretendemos olhar dialeticamente as possibilidades de experiências em Brasília, patrimônio da humanidade. Tal reflexão, somada aos conceitos de narrativa e de experiência, promove um diálogo entre a educação, a geografia e o turismo e permitem a construção de um mosaico, esboçando uma experiência urbana vista em sua totalidade.

**Palavras Chave:** Educação. Experiência urbana. Patrimonialização global. Totalidade urbana. Turismo.

## Abstract

The article analyzes the interfaces between hypertextuality and urban totality, as a concept, paradigm and method. Such coordination is consistent because shows the new possibilities of research, given the diversity of media, different languages and on the acceleration of speeds and different ways to access and socialize knowledge that digital provides. The thresholds between these categories are coherent and envision them up a vast field of theoretical and methodological research, whereby we intend to look dialectically the experiences of possibilities in Brasilia, heritage of humanity. This reflection added to the concepts of narrative and experience promote a dialogue between education, geography and tourism and allow the construction of a mosaic, outlining an urban experience seen in its totality.

**Keywords:** Education. Urban experience. Global heritagisation. Urban totality. Tourism.

## 1. PROBLEMATIZANDO CONCEITOS E INTERFACES

Ao propor o desafio da realização de uma arqueologia de Brasília, estamos conscientes da ousadia e dos perigos que tal trabalho nos impõe. Em primeiro lugar a ousadia teórico-conceitual de construir/desconstruir o trabalho arqueológico enquanto tarefa de buscar vestígios, fósseis e artefatos, porém numa visão ampliada, onde as experiências, as memórias e os relatos são elementos singulares constitutivos de uma realidade total mais ampla. Sublinhamos com isso novas formas de demarcação científica das pesquisas, onde a delimitação a qualquer preço se estabelece em detrimento a novos olhares e a novas dinâmicas frutos das possibilidades de

romper com fronteiras pré-estabelecidas e fixas entre saberes. Em segundo lugar, o desafio metodológico-prático de implementar de modo coerente tais verificações provenientes dos sítios, arqueológicos ou não. A imagem formada na atualidade - que se modifica ininterruptamente, pois o atual se reformula constantemente -, não dissociada das demais temporalidades, como resultado dessa reconstrução, deve buscar ser a mais próxima possível da realidade. Desta forma, pretendemos avançar nas possibilidades de construção de conhecimentos sobre um lugar, no caso Brasília, no qual se perceba a coerência entre a temática proposta, a opção pelo enfoque reflexivo e a construção de um método que dê conta desta dinâmica.

Ao objetivarmos diante de nós, como em uma tela, alguém que olha Brasília, temos um fenômeno complexo, ou seja, um objeto de análise que não se encaixa nos parâmetros tradicionais de pesquisa e, portanto, necessita de um tratamento diferenciado. Para além da discussão (trans-multi-pluri-inter) disciplinar, nossa compreensão de paradigma vê-se claramente configurado na maneira como se (re)configura a construção e socialização dos conhecimentos na ciência denominada pós-moderna, exemplarmente descrita na fábula de George Landow (2002, p. 9-10), O Guardião das Fronteiras. Tal fábula descreve territórios do conhecimento, perfeitamente demarcados por fronteiras e protegidas por guardiões que controlam objetivamente as possibilidades de trânsito. Ocorre que as objetividades e neutralidades são suspensas por uma reação em cadeia provocada por uma rebelião de áreas do conhecimento. Entre outros saberes, o olhar geográfico para o espaço dialeticamente construído nos dá pistas para a hipertextualidade em potência desta tela brasiliense, tendo como premissa a busca pela/da totalidade derrubando muros e reterritorializando espaços.

Nossa proposta é de uma arqueologia dentro de uma dialética do tempo, onde passado, presente e futuro e, ainda, todas as temporalidades que permeiam estes tempos estejam atualizadas e relacionadas. Esta noção é determinante diante do desafio da busca arqueológica, uma vez que Brasília não tem sequer um século de existência. Por outro lado, temos consciência de que, apesar de nova, a Capital Federal representa o resultado de cinco séculos de construção de um Estado Nacional, onde se amalgamam elementos provenientes de políticas, economias, culturas, sociedades, explorações, marginalizações e lutas que, se fôssemos avaliar profundamente, nos remeteriam a temporalidades muito anteriores, inclusive, à descoberta do Brasil.

Tais discussões nos remetem a problematização acerca das cidades em termos de quais possibilidades de apropriação se darão com as definições de suas políticas de desenvolvimento, tanto em termos democráticos e de cidadania, quanto das possibilidades econômicas e comerciais como, por exemplo, as atividades turísticas. Essa cidade que é permanentemente reconstruída e recolonizada, com movimentos de re-

qualificação, renovação e refuncionalização situa-se, segundo Costa (2013, p. 91), em um claro paradigma de intervenção nas áreas urbanas posto em marcha pelas governanças urbanas e “atendem à nova onda de terceirização e estetização de cidades”.

A requalificação urbana, então, representa um dos paradigmas da sociedade do consumo, atrelada à promoção de recriados desejos e à difusão generalizada de necessidades novas ante um quadro de hibridação socioespacial, que negam as cidades como totalidades urbanas, para tratá-las de forma setorizada e menos compromissada com as maiorias.(COSTA, 2013, p. 97)

Segundo Costa e Steinke (2014, p. 10), Brasília foi concebida para ser a capital, tanto geográfica quanto estrategicamente, “segundo interesses do Estado, em sua estrutura político-econômica”. A construção de Brasília representa um caso emblemático, o qual constituiu-se em uma “meta-síntese da convergência entre o ideal nacionalista e o desígnio econômico do Brasil” (COSTA; STEINKE, 2014, p. 24). Tal ideal, ao invés de promover uma “liberdade integradora”, por vezes “aprisiona ou imobiliza o povo no território que se diz e que se quer articulado e fluído” (COSTA; STEINKE, 2014, p. 25). Com uma crítica contundente a esse processo, Costa e Steinke (2014, p. 25), afirmam que “Brasília é expressão material-simbólica dessa essência de poder, no Brasil, que nega as escalas espaciais do acontecer social horizontal e protagoniza ações escalares potencializadoras do grande capital”.

Nesta perspectiva, questionamos os limiares definidos entre os saberes e pretensas neutralidades e objetividades em favor de espaços para interfaces e interferências e de uma visão hipertextual da construção e socialização de conhecimentos. Tal reformulação se dá frente à constatação da complexidade e multidimensionalidade dos fenômenos que, se estudados de modo unilinear e isoladamente, deixariam muito a desejar frente à totalidade aqui proposta e o desejo de construir novas epistemologias para avançar no conhecimento.

Para Giddens (1991, p. 50), o “conhecimento reflexivamente aplicado” é aquele que “não podemos nunca estar seguros de que qualquer elemento dado deste conhecimento não será revisado”. Por sua vez, Boaventura de Sousa Santos (2008) descreve sobre a ruptura com o paradigma dominante, que teve início com a revolução científica do século XVI e que tanto fundamentou quanto alçou à ordem de hegemônico o domínio do modelo (imposto) das ciências naturais. Esta “parcelização e disciplinarização do saber científico”, características do paradigma dominante, prejudicam a construção do conhecimento e transformam o pesquisador num “ignorante especializado” (SANTOS, 2008, p. 74), contrapondo a isso a visão de que “o conhecimento é total, tendo como horizonte a totalidade universal” (SANTOS, 2008, p. 76).

O conhecimento além de total é também local, pois valoriza a exemplaridade dos projetos cognitivos locais, e, além disso, é tradutora uma vez que “incentiva os conceitos e as teorias desenvolvidas localmente a emigrarem para outros lugares cognitivos, de modo a poderem ser utilizados fora do seu contexto de origem” (SANTOS, 2008, p. 77). Anthony Giddens (1991, p. 30), em uma reflexão paralela afirma que “as organizações modernas são capazes de conectar o local e o global de formas que seriam impensáveis em sociedades mais tradicionais, e, assim fazendo, afetam rotineiramente a vida de milhões de pessoas”. Estas ideias sugerem algo que está intrinsecamente imbricado em nossa reflexão que são as consequências do fenômeno midiático moderno, tendo como seu expoente principal, porém não único, a rede mundial de computadores. A Internet consegue conectar o local e o global numa velocidade nunca antes imaginada, fazendo links até então impensáveis entre diversos espaços e diferentes tempos.

Estas reflexões, além de levar em consideração as diferentes escalas que este estudo sobre Brasília pretende observar e remetem igualmente a disposição de se pensar um método eficaz e eficiente na busca da concretude<sup>2</sup> e da totalidade da nossa cidade-objeto. Segundo Costa (2011, p. 39), “o espaço é entendido como a totalidade em movimento, em que símbolos, matéria, a subjetividade e a concretude histórica são pensadas relacionalmente, o que acaba por consubstanciar numa dialética espacial”. Nesses termos, potencializa-se tanto o acesso aos espaços e a apropriação aos bens materiais e imateriais do urbano em termos, por exemplo, de lazer quanto um acesso, produção e socialização democrático de conhecimentos sobre/com a cidade. Verifica-se que a forma de abordagem de tais questões poderá definir uma realidade diferente, tanto no campo da educação, quanto na geografia e no turismo. Diante disso, também Santos (2008, p. 77-78) aponta a necessidade de se repensar a “língua” segundo a qual indagamos a realidade.

O conhecimento pós-moderno, sendo total, não é determinístico, sendo local, não é descritivista. É um conhecimento sobre as condições de possibilidade. As condições de possibilidade da acção humana projectada no mundo a partir de um espaço-tempo local. Um conhecimento deste tipo é relativamente imetódico, constitui-se a partir de uma pluralidade metodológica. Cada método é uma linguagem e a realidade responde na língua em que é perguntada. Só uma constelação de métodos pode captar o silêncio que persiste entre cada língua que pergunta. Numa fase de revolução científica como a que atravessamos, essa pluralidade de métodos só é possível mediante transgressão metodológica.

---

2 “Devem sim, ser entendidos (o espaço, o território, o lugar, as paisagens) como constituintes de múltiplas relações nas quais se imbricam homens, produtos, coisas que se destacam diante de nossos olhos e que ainda guardam seu espírito enquanto ‘concretude’ do fenômeno” (COSTA, 2010, p. 45).

A transgressão metodológica proposta por Boaventura de Sousa Santos (2008) tem como princípio um questionamento aos métodos e escritas científicas tradicionais, seus objetos e demarcações, seu estilo unidimensional, a postura do cientista e a proposta de criação de contextos reflexivos que possibilitem a aplicação de métodos diferentes diante de novos cenários que se nos apresentam. Como exemplo desta transgressão, o autor especula a possibilidade de uma “análise filológica de um traçado urbano”(SANTOS, 2008, p. 78), para além da simples descrição do espaço urbanizado.

Tais fatos impactarão nos modos de acesso, produção e socialização de conhecimentos e demarcarão novas formas de legitimação do saber. Dentro da perspectiva aqui proposta, estas reflexões se traduzem na dinâmica como pretendemos abordar a temática e a metodologia de nossa cidade-objeto. Essa visão remete aos conceitos escolhidos, quais sejam, de hipertextualidade, de totalidade urbana, de experiência e de experiência urbana. No próximo tópico, aprofundaremos a temática e a metodologia na perspectiva de analisar as interfaces com os pressupostos apresentados e as relações pretendidas com os conceitos provenientes da Educação e da Geografia.

## 2. BRASÍLIA E A TOTALIDADE URBANA

duas asas partidas  
dois eixos fora dos eixos  
dois traços invisíveis  
duas pistas falsas  
(BEHR, 2010, p. 77).

Tanto no poema acima quanto nos diversos novos trilhos criados constantemente nos jardins que entrecruzam as calçadas dos espaços públicos ou no interior das entrequadras, Brasília se expressa paradoxal e transgressora. Uma *urbe* paradoxal, pois imaginada num afã histórico de dar ao país uma Capital em seu seio geográfico, por um lado para unir pontos tão distantes e, por outro, distanciando-se territorialmente. Uma *civitas* contraditória, pois na tentativa de sintetizar um projeto de Estado-nação, cria uma Capital com a incumbência hercúlea de representar um país heterogêneo e plural e que, ao fim e ao cabo, se não o representa, reproduz as suas diversas e abissais diferenças. Uma cidade transgressora, pois projetada para representar um futuro utópico, no qual a esperança falava mais alto do que a preocupação com o passado ou com as consequências vindouras. Uma capital arrancada do litoral e plantada no coração do território nacional e que se tornará um Patrimônio Cultural da Humanidade.

Esta cidade, recém-nascida, já se enraizou na alma dos brasileiros; já elevou o prestígio nacional em todos os continentes; já vem sendo apontada como demonstração pujante da nossa vontade de progresso, como índice do alto grau de nossa civilização; já a envolve a certeza de uma época de maior dinamismo, de maior dedicação ao trabalho e à Pátria, despertada, enfim, para o seu irresistível destino de criação e de força construtiva. (KUBITSCHEK apud BRASÍLIA, 2012).

Diante disso verifica-se que Brasília, desde sua gênese, vista em sua totalidade, possui uma vocação para a hipertextualidade. Milton Santos (2012, p. 130-131) apresenta uma leitura integrada sobre a constituição da nova capital:

A construção de Brasília é a ocasião para que aconteça um novo pacto territorial. Não se dirá que a obra monumental animada pela vontade férrea de Juscelino Kubitschek tenha sido encomendada para, deliberadamente, obter esse fim. Ela se inscreve em um movimento bem mais amplo, o da modernização de um país, cujo território devia se equipar de um modo adequado à enorme mudança programada. [...] Brasília justifica os grande investimento em infra-estrutura, que encurtam o tempo das informações e das viagens, e avantajam as atividades mais famintas de espaço.

Ao analisar as categorias de totalidade, sujeito, forma, estrutura social, linguagem, contradições, crescimento e desenvolviment, Lefebvre (1991, p. 81), afirma que “o problema, tanto para a sociedade quanto a Cidade, é evitar as metáforas organicistas sem perder de vista o conjunto e, ainda, sem esquecer as distorções, lacunas, rachaduras e buracos”. Segundo este autor, é a cotidianidade, principal vínculo entre o essencial e o global, o produto da sociedade atual e é nela que “o consumo de espetáculo torna-se espetáculo de consumo” (LEFEBVRE, 1991, p. 94). Tal descompasso, afirma Lefebvre (1991, p. 82), somente no futuro saberemos se, através de tal categorização e análise, conseguiremos “reencontrar a unidade entre a linguagem e a vida real, entre a ação que muda a vida e o conhecimento”.

Ao discutir a noção de totalidade, Milton Santos (2006, p. 116) a considera tanto algo que extrapola a soma das partes, quanto categoria que explica as partes, bem como realidade em sua integridade e, ainda, como “o conjunto de todas as coisas e de todos os homens, em sua realidade, isto é, em suas relações e em seu movimento). O autor ainda aponta para o fato de que “toda totalidade é incompleta, porque está sempre buscando totalizar-se”<sup>3</sup> (2006, p. 119).

Tais ideias percebem-se expressas em termos da constituição de um “mosaico ur-

---

3 “Essa visão renovada da dialética concreta abre novos caminhos para o entendimento do espaço, já que, desse modo, estaremos atribuindo um novo estatuto aos objetos geográficos, às paisagens, às configurações geográficas, à materialidade. Fica mais claro, desse modo, porque o espaço não é apenas um receptáculo da história, mas condição de sua realização qualificada. Essa dialética concreta também inclui, em nossos dias, a ideologia e os símbolos” (SANTOS, 2006, p. 126).



bano” (CARRERAS, 2005, p. 22) e da formação de uma cidade “palimpsesto” (CARRERAS, 2005, p. 26). Os movimentos expressos por essas expressões se dão “no plano corporal, estético e político, o estatuto do urbano é marcado pelo ritmo, por oscilações permanentes entre interior e exterior, entre dentro e fora” (MONGIN, 2009, p. 256). Ainda segundo Mongin (2009, p. 256), a captura da matéria se dá em uma “arte do entremeio” entre a acolhida e a instituição de limites, entre o dentro e o fora, ou seja, buscando-se “a abertura, a saída, o vão, a brecha, o espaçamento, apoderar-se da luz em sua aparição”.

Na proposta de integrar na análise a hipertextualidade e a totalidade urbana de Brasília, o espaço é visto como um texto social.

Pode-se elaborar uma semântica dos discursos sobre o espaço. Poder-se-ia conceber também uma semiologia do espaço, parte de uma semiótica geral. Todo espaço é significante? Em caso positivo, de quê? Mais precisamente todo espaço ou fragmento de espaço não seria um texto social, ele próprio contexto de textos específicos, isto é, escritos: inscrições, anúncios etc.? De sorte, que é preciso ou reencontrar, ou construir os códigos dessas diversas mensagens para decifrá-las (LEFEBVRE, 2008, p. 37).

Ainda segundo Lefebvre (2008, p. 38 ), é “no seio do espaço percebido e concebido já se encontra o espaço teórico e a teoria do espaço”. Para a compreensão da totalidade urbana é necessário olhar a cidade dentro de um espaço, porém, em suas diversas acepções. Enquanto o espaço vivido está ligado à prática social, o espaço social é um produto da sociedade sujeito a descrição empírica. “Com efeito, o espaço da sociedade capitalista pretende-se racional quando, na prática, é comercializado, despedaçado, vendido em parcelas. Assim, ele é simultaneamente global e pulverizado” (LEFEBVRE, 2008, p. 57).

Tais reflexões apontam a necessidade de se ultrapassar tanto os discursos oficiais quanto as imagens apenas turísticas construídas sobre qualquer cidade para que se construam possibilidades de uma experiência real, com um sujeito contextualizado e em um espaço urbano concreto. Na próxima sessão apresentaremos a hipertextualidade de Brasília e as possibilidades de experiência urbana em seus diversos e diferentes espaços.

## **2. HIPERTEXTUALIDADE E EXPERIÊNCIA NA CIDADE: OLHANDO BRASÍLIA**

Vislumbramos ao menos três elementos que nos apontam a hipertextualidade de Brasília e a sua vocação enquanto cidade promotora da possibilidade de experiências singulares, reais e concretas. Em primeiro lugar, Brasília como discurso de *Patrimônio*

*Cultural da Humanidade* e com sua história, cultura, arquitetura e contradições. Em seguida, nas diversas linguagens veiculadas acerca dela e que podem ser identificadas enquanto narrativas, fotografias, publicidade e *marketing* nas diferentes mídias, principalmente por ser a capital política nacional, enfatizado, principalmente, pelo discurso turístico. Finalmente, em diferentes possibilidades de realização de processos de aprendizagens, enquanto informação, formação, comunicação, conhecimento e experiência, elementos essenciais para compreensão da totalidade urbana que a Capital Federal possibilita sob um olhar dialeticamente hipertextual.

O conceito de hipertexto, fundamentado nas categorias bakhtinianas de dialogismo, polifonia, intertextualidade e não-linearidade, bem como a metáfora do rizo-ma, se mostra como um suporte teórico-metodológico fundamental para a arqueologia de Brasília, na dimensão aqui pretendida.

Trata-se assim de compreender a emergência de cibercidades (cidade e espaço de fluxo), as novas práticas comunicacionais no ciberespaço (e-mail, listas, weblogs, jornalismo online), as novas relações sociais eletrônicas e as práticas comunicacionais pessoais (weblogs, webcams, chats, icq, listas), as questões artísticas (arte eletrônica) e políticas (cibercidadania, ciberativismo, hackers), as transformações culturais e éticas (softwares livres, “napsterização”, privacidade) e a nova configuração comunicacional (liberação do pólo da emissão) da cibercultura (LEMOS, 2003, p. 11).

Partindo de uma concepção bakhtiniana de linguagem, de seus pressupostos histórico-sociológicos, de sua influência sócio-cultural, de suas transformações na/práxis e em uma abordagem na qual o dialogismo e a polifonia são categorias fundantes para todas estas práticas, aponta-se novas perspectivas para a reflexão proposta. Este posicionamento reflete um modo de acesso, construção e socialização do saber que, como produtos das novas linguagens introduzidas tanto pelas novas mídias e suas formas de gerar e transmitir informações, quanto por uma nova maneira de encarar as formas anteriores de linguagem, ultrapassa o monologismo, a linearidade e a sequencialidade. Este paradigma visa um novo horizonte e novas perspectivas nas quais sejam valorizadas categorias como a construção coletiva, o dialogismo e a polifonia, sujeitos sociais construtores e autônomos do seu conhecimento, convergência de linguagens, a valorização do saber proveniente da experiência e das narrativas para construção do conhecimento, superando –se, assim, formas hierarquizadas, monofônicas, lineares e distantes da realidade concreta em que foram produzidas e para a qual deveriam ser direcionadas.

Ao refletir a respeito disso, Kenski (1999, p. 47) chama esta configuração de “*uma nova lógica, uma nova cultura, uma nova sensibilidade, uma nova percepção*”, sendo que, essa “*outra lógica*” permite “*variadas possibilidades de encaminhamento das*

*reflexões*” e que *“se estimule a possibilidade de outras relações entre áreas do conhecimento aparentemente distintas”*. Esta discussão nos remete à afirmação de Souza e Gamba Jr. (2002, p. 107) quando indicam *“que as transformações da narrativa no mundo contemporâneo não podem ser analisadas fora do contexto mais amplo das relações de produção da sociedade, a cada momento histórico”*. Esse fato nos leva a identificar, concordando com os autores citados, quanto a visão da *“ linguagem como instrumento técnico”* de nossa época e, ainda, que *“o pensamento, com ajuda da tecnologia, revela-se como um imenso hipertexto”* (SOUZA; GAMBÁ JR., 2002, p. 108).

Esta concepção de linguagem, diante de suas novas configurações com a era digital, nos remete ao conceito de narrativa e experiência, que serão descritas a seguir. Tanto a narrativa quanto a experiência se mostram categorias produtoras para análise de uma busca da totalidade de/em Brasília.

O pensador Walter Benjamin (1994) apontou tanto o camponês sedentário quanto o marinheiro comerciante como dois arquétipos de narradores. O autor afirma que o homem que viaja e também aquele *“que nunca saiu do seu país, mas conhece suas histórias e tradições tem o que contar”* (BENJAMIN, 1994, p. 198). Estas narrativas são produzidas por um saber que provém diretamente de suas experiências. Desta forma, o narrador é visto como alguém que valoriza e reconhece a experiência pessoal e alheia. Porém, aprofundando a análise, Benjamin (1994, p. 200) aponta que *“as experiências estão deixando de ser comunicáveis”* e a consequência disso é que *“a sabedoria - o lado épico da verdade - está em extinção”*. Para o autor, as novas formas de comunicação, baseadas na informação, são a causa do declínio da narrativa.

Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. Metade da arte narrativa está em evitar explicações (BENJAMIN, 1994, p. 203).

Fazendo uma crítica da informação como uma forma de comunicação, Benjamin (1994, p. 205) chama a narrativa de *“uma forma artesanal de comunicação”*. Assim, a narrativa *“mergulha a coisa na vida do narrador para depois retirá-la dela”* e *“imprime (...) a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso”* (BENJAMIN, 1994, p. 205), ou seja, o narrador não transmite somente informações parciais e fragmentadas, mas deixa marcas em sua narrativa que remetem à sua memória, sua história e às suas experiências reais e concretas.

Afirmando que o moderno é representado pela sociedade do espetáculo, a presença da multidão e o fenômeno do consumo, Matos (2001) concorda com Benjamin ao afirmar que a síntese da modernidade, nestes termos, é a cidade de Paris. A autora afirma que “cada fragmento de história é o hieróglifo de um texto original que confere à narrativa uma qualidade arqueológica, numismática e misteriosa” (MATOS, 2001, p. 10). Diante disso, percebe-se a desconexão atual entre a experiência (vista como um fenômeno tanto particular quanto coletivo), em face da informação (entendida como um dado neutro, isolado, momentâneo o passageiro), para a comunicação e construção do conhecimento. Enquanto a informação limita e condiciona, “a narração cria, assim, espaços de liberdade, é força hermenêutica e transformadora” (MATOS, 2001, p. 15).

O narrador, como o flâneur, ao contrário da luta entre as classes e do pathos revolucionário, não luta nem levanta barricadas, mas desprivatiza o tempo imposto pela mercadoria, pelo consumo de massa, pela lógica da dominação, pelo princípio da indiferença que regem a troca mercantil e a livre circulação do capital. O flâneur e o narrador, ao contrário do déspota totalitário e de seus cúmplices – que renunciam a qualquer juízo pessoal –, captam instantâneos fotográficos do presente pelos quais realizam uma ‘viagem interior’. A viagem é como a narrativa poética: ‘iniciação à suprema arte de viver’. Ato mágico e místico de apropriação do passado, esse outro tempo é o mesmo desdobrável, bem como sua narrativa requer a busca de um sentido que permanece em aberto e é, assim, fonte de nossa liberdade. Por isso Benjamin escreveu: ‘eu viajo para conhecer minha geografia’ (MATOS, 2001, p. 23).

Seguindo estas reflexões, Bondía (2002, p. 21) insiste que “a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência”. O autor critica o fato de que, atualmente, é praticamente uma obrigação estar informado e um imperativo emitir uma opinião sobre qualquer assunto. A experiência é, antes de qualquer coisa, “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (BONDÍA, 2002, p. 21). Como o objetivo da informação é apenas impactar momentaneamente, sem deixar marcas por conta da necessidade do ineditismo, atualmente o fenômeno que se observa é que “ao sujeito do estímulo, da vivência pontual, tudo o atravessa, tudo o excita, tudo o agita, tudo o choca, mas nada lhe acontece” (BONDÍA, 2002, p. 23). Bondía (2002, p. 23) aponta ainda em sua crítica que “a velocidade e o que ela provoca, a falta de silêncio e de memória, são também inimigas mortais da experiência”.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e

escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (BONDÍA, 2002, p. 24).

O saber que provém da experiência constitui tanto uma ética, ou seja um modo de conduta, quanto uma estética, ou seja, um estilo e, se relaciona “com a existência, com a vida singular e concreta de um existente singular e concreto” (BONDÍA, 2002, p. 27). A lógica do saber da experiência produz “diferença, heterogeneidade e pluralidade” e seu compartilhamento se dá como “uma dialogia que funciona heterologicamente” e, portanto, “é irrepetível” (BONDÍA, 2002, p. 28).

Nestes termos, Hissa (2002, p. 81) aponta para a mobilidade das fronteiras fazendo uma crítica à crença na objetividade científica ao afirmar que há um dogma que prega que “não há ciência sem objeto exclusivo, existem objetos e métodos exclusivos, existem saberes exclusivos e monopolizados, ciência é limite interdisciplinar e especialização”. Apontando em direção de uma abertura à transdisciplinaridade, Hissa (2002, p. 291) afirma que deve se criar interpenetrações entre a Geografia e o conhecimento socioespacial e tal conhecimento deve ser “destituído da arrogância, da prepotência da supremacia: destituído da presunção de se constituir em verdade, única, em explicação derradeira do mundo” (grifos do autor). Comentando uma frase de Gonçalo M. Tavares (apud HISSA, 2013, p. 127) quando este autor afirma que “tu não usas uma metodologia. Tu és a metodologia que usas”, Hissa (2013, p. 127) escreve que “a pesquisa diz a vida do sujeito. A metodologia anuncia o sujeito e a sua compreensão de mundo; a sua inserção no mundo”. Concluindo, Hissa (2013, p. 176) afirma a necessidade de mudanças, nas quais, “a ciência redesenhada, perpassada pelo sujeito que, presente no seu texto, assina o manifesto da presença de sua própria reinvenção”.

O contato entre o pesquisador e o pesquisado, principalmente nas ciências humanas, é inevitável e as consequências são inquestionáveis. Nas palavras de Bakhtin (2010 p. 395-396), “(...) *o ser da expressão é bilateral: só se realiza na interação de duas consciências (a do eu e a do outro); a penetração mútua com manutenção da distância; é o campo de encontro de duas consciências, a zona do contato interior entre elas*”. Segundo Amorim (2007, p. 14), “meu olhar sobre o outro não coincide nunca com o olhar que ele tem de si mesmo” e diante disso, “minha tarefa é tentar captar algo do modo como ele se vê, para depois assumir plenamente meu lugar exterior e dali configurar o que vejo do que ele vê”.

Uma das maneiras de superar a clássica ontologia, que preconiza a identidade, o ser e o uno como únicos critérios de verdade, segundo Ferreira (2008, p. 33), é a compreensão da metáfora do rizoma, de Deleuze e Guattari, que valoriza o *“movimento das diferenças que agem no interior e no exterior das multiplicidades”*. Tal metáfora, conforme Deleuze e Guattari (1980, p. 9 - 37) apresenta seis princípios: de conexão, de heterogeneidade, de multiplicidade, de ruptura a-significante, de cartografia e de decalque. Tal modelo é defendido por Ferreira (2008),, como um método para pesquisa, devido as suas similaridades com a configuração das redes na era digital. Para fins de análise, os princípios da cartografia e do decalque serão aqui priorizados pelas confluências e convergências possíveis com a reflexão proposta.

Mesmo no texto de Deleuze e Guattari (1980) a cartografia e o decalque são explicados conjuntamente, pelas correlações apresentadas. Tal como o crescimento do rizoma, o ato de cartografar também é um procedimento que segue o devir, ou seja, é fruto um processo criador. *“Mapear significa acompanhar os movimentos e as retrações, os processos de invenção e de captura que se expandem e se desdobram, desterritorializando-se e reterritorializando-se no momento em que o mapa é projetado”* (FERREIRA, 2008, p. 36). Vista dessa forma, a cartografia poderia questionar a mobilidade das fronteiras da ciência, talvez criando, como proposto por Hissa (2002) cartografias borgianas.

Naquele império, a arte da cartografia alcançou tal perfeição que o mapa duma província ocupava uma cidade inteira, e o mapa do império uma província inteira. Com o tempo esses mapas desmedidos não bastaram e os Colégios de Cartógrafos levantaram um Mapa do Império, que tinha o Tamanho do Império e coincidia com ele ponto por ponto (BORGES apud HISSA, 2002, p. 26)

Para Deleuze e Guattari (1980) o mapa possui características de abertura, conexão em qualquer ponto, reversível e sujeito de ser modificado constantemente. O decalque, por sua vez, é um substrato da cartografia e necessita ser visto com atenção. A partir do momento em que ele é uma fotografia do mapa, ele não deve ser concebido como um produto rizomático, mas, antes, de um momento circunstancial do rizoma. Sobre isso, Ferreira (2008), aponta que para o decalque enquanto imagem circunstancial ser coerente, necessita ser constantemente refeito e projetado sobre o mapa que está em permanente construção.

A luz dessa reflexão, consideramos que a capital federal brasileira é, desde sua concepção, construção e composição, uma cidade heterogênea e multi-cultural. Brasília é conhecida como uma cidade-monumento e um museu a céu aberto diante de sua arquitetura, história e simbolismo de seus espaços. Nestas constatações vislumbramos enormes possibilidades de produção de conhecimentos diferentes, tanto na área da

educação, quanto na área da geografia e do turismo e, quiçá, nas interfaces interdisciplinares entre elas. Tal utopia poderia ser realizada por meio de ligações hipertextuais das informações e experiências realizadas nestas terras candangas porém, para isso, é necessário ultrapassar tanto discursos oficiais hegemônicos quanto cartilhas didáticas monofônicas, bem como imagens de cartões postais e pacotes turísticos pré-estabelecidos e fechados. Esta análise se tornará mais fértil quanto mais enfocada e direcionada à cidade em sua totalidade, priorizando uma real experiência urbana.

## **OS DESAFIOS E OS DIÁLOGO POSSÍVEIS E NECESSÁRIOS**

Concordamos com Milton Santos (1985, p. 82), quando afirma que a urbanização requer novas definições, pois no “período da tecnologia atual”, se impõe “a difusão de novas tecnologias de produção, a difusão de novos modelos de informação e consumo, os papéis novos do Estado”. A reflexão apresentada aponta para a necessidade de se ultrapassar uma mera análise e descrição da realidade urbana construída de maneira impessoal, neutra e objetiva. Um sujeito concreto, com uma situação e uma posição reais e contextualizadas, que realiza uma experiência consciente e crítica de inserção socioespacial será o pano de fundo para a busca da compreensão da totalidade urbana em que se inserem os elementos por nós eleitos para este estudo. Assim se alcançaria o que Santos (2007, p. 199) preconiza ao afirmar que “o estudo da totalidade conduz a uma escolha de categorias analíticas que devem refletir o movimento real da totalidade”. Olhando dessa forma para a cidade, justificaria-se o que Santos (2007, p. 199) afirma ao escrever que “trata-se aqui de uma forma com um conteúdo, de uma forma-conteúdo, de uma realidade, em oposição à forma vazia e consiste quer numa expectativa quer numa ilusão”.

Ao propormos uma arqueologia viva em uma cidade real, na qual sujeitos reais tenham condições de realizar uma experiência urbana, aponta para um prisma que Costa (2013, p. 103), descreve ao afirmar que “os fenômenos urbanos e de produção das cidades, em todas as possíveis escalas e tipologias de análise, devem ser, portanto, interpretados sob um ponto de vista de globalidade, de totalidade e em seu movimento processual”. Continuando, o autor afirma que “as intervenções em áreas especiais de cidades devem ser analisadas na perspectiva de um espaço existencial não material” (COSTA, 2013, p. 113) e “a prevalência não pode ser a da estética em detrimento da ética” (COSTA, 2013, p. 114).

As cidades-globais, as cidades-patrimônio, o Patrimônio Mundial consagrado pela UNESCO, os centros industriais, os centros de serviços, os centros políticos administrativos ou qualquer cidade capturada pelos agentes hegemônicos do capital não podem, portanto,

ser pensados apenas pelas áreas de intervenção ou de atuação do capital – seja pelo paradigma da requalificação, da renovação ou da revitalização – que, convergentemente, redundam, aos poucos, na terceirização, na tecnicização e na mercantilização do território e da arquitetura (e assim, da paisagem), que sintetizam o desígnio da geografia histórica das cidades. (COSTA, 2013, p. 110)

Nesse mesmo diapasão, no turismo percebem-se elementos de ressignificação possíveis e necessários partindo-se, por exemplo, do que Moesch (2012, p. 7) afirma ao apontar que “o real do Turismo é uma amálgama na qual tempo, espaço, diversão, economia, tecnologia, imaginário, comunicação, diversão e ideologia” e que tais elementos devem ressaltar que “o protagonista é o sujeito, seja como produtor ou consumidor da prática social turística”.

Avançar sobre o saber-fazer direciona uma nova agenda para os estudos turísticos, em temas como a motivação, as necessidades, o prazer, as diferenças suportáveis, as trocas culturais, a aprendizagem, as territorializações e a desterritorialização, a homogeneização e a diversidade, a destruição ambiental e sua preservação, o impacto cultural e social, a comunicação intercultural e a hibridização cultural, o tempo atemporal e o espaço virtual, a construção de não-lugares e os ecoslugares, a hospitalidade e a inospitalidade, os localismos e regionalismos, a globalização e a turistificação, a cidadania e o terrorismo o que permite uma posição de relevância, juntamente aos demais temas da pesquisa acadêmica contemporânea (MOESCH, 2012, p. 15).

Nesse sentido, é sintomática a preocupação e a produção de pesquisas como as organizadas por Alexandre Panosso Netto e Cecília Gaeta (2010, p. 14) em *Turismo de Experiência*, sob a justificativa de que os sujeitos do turismo, atualmente, buscam, na atividade turística, elementos que oportunizem experiências, o que deve levar pensadores e gestores dessa área à preocupação com a autenticidade dos produtos e serviços ofertados. A experiência urbana traduz-se, desta maneira, em uma resposta concreta, teórica, prática, ética e estética ao desafio de olhar dialeticamente Brasília, na medida em que possui um enfoque multiescalar do urbano, pois situa o sujeito, tanto como cidadão, turista ou aprendiz, e as suas ações no tempo e no espaço.

A própria experiência urbana se globalizou, e cada um que arque com os dois sentidos da condição urbana! Com o urbano que se estende sob nossos olhos e a cartografia de um mundo em pleno transtorno, nós entramos num mundo onde o cosmopolitismo quase não tem mais sentido, uma vez que não há mais uma única e exclusiva civilização. [...] A despeito de um urbano generalizado que não cria uma civilização comum, a experiência urbana permanece nossa no sentido de que ela tem como papel favorecer e ativar a *vita activa*, ou seja, tornar possível uma ‘libertação’ que passa simultaneamente por um lugarejo, por um espaço de habitação, mas também por uma mobilidade que entrelaça o individual e o coletivo. (MONGIN, 2009, p. 314-315).



Percebemos que sob este enfoque, a experiência e a totalidade urbanas se contra- põem com a noção de patrimonialização global, entendida “no brusco movimento universal de espetacularização e banalização pela cenarização progressiva dos lugares promovido pela dialética entre Estado-mercado sobre a base das técnicas, da ciência e da informação” (COSTA, 2011, p. 31). Isso se mostra, ainda, na perspectiva da “dialética da construção destrutiva”, vista como o predomínio da contradição “entre a ‘preservação’ e a mercantilização, a busca da democratização e da ‘elitização’ do patrimônio urbano, de forma ampla, e das destinações turísticas, particularmente – com a regência da ideologia capitalista” (COSTA; SCARLATO, 2012, p. 104). A mudança ocorrerá quando, na teoria e na prática, revermos as experiências e as formas de olhar para o urbano, realizando novas e diferentes arqueologias, mais geográficas e talvez mais humanas.

Reconhecendo que a cidade pode ser vista como “educadora”, Gadotti (2006), afirma que teremos uma escola realmente cidadã e uma cidade verdadeiramente educadora na medida em que existir um diálogo entre a escola e a cidade. A escola pode contribuir, segundo o autor, para que os sujeitos da cidade se sintam, de fato, cidadãos com sentimento de pertencimento, pois participam da sua construção e reconstrução permanentemente. Para tanto, afirma Gadotti (2006, p. 139), “precisamos de uma pedagogia da cidade para nos ensinar a olhar, a descobrir a cidade, para poder aprender com ela, dela, aprender a conviver com ela”.

Levando em consideração as reflexões da geógrafa Maria Adélia de Souza (2009), apontamos que não há pesquisa sem uma preocupação com os conceitos de linguagem, de comunicação, de conhecimento, de cultura, de mundo, de espaço, de tempo, de homem e de método. Um método rigoroso não é aquele que apenas reflete perfeitamente o passado dado, mas aquele que busca refratar o melhor possível o presente, pois “o mundo é uma complexidade e é ela que deve ser tocada por nossas metodologias para tentar chegar bem perto da inatingível realidade” (SOUZA, 2009, p. 107). São necessários novos olhares para a cidade e para os fenômenos urbanos para se avançar, respondendo aos desafios da experiência de olhar dialeticamente uma cidade, como no caso apresentado de Brasília. Além disso, ao invés de ampliarmos as barreiras e as fronteiras, é de se esperar que na era das conexões em rede se invista mais em diálogos e interações, possibilitando momentos de encontros possíveis, necessários e urgentes, entre áreas, como por exemplo, a educação, o turismo e a geografia. Pontes e redes não faltam, basta, talvez, reconstruí-las e/ou reconectá-las.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, Marília. A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica. In: FREITAS, Maria Teresa et al (Orgs.). Ciências humanas e pesquisa: leitura de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: M Fontes, 2010.

BEHR, Nicholas. Poesília: poesia pau Brasília. Brasília: Sigel Capital, 2010.

BENJAMIN, Walter. 1994. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, p. 197-221, 1994.

BONDÍA, Jorge Larosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr 2002, n. 19, p.20-28. (Tradução de João Vanderley Geraldi).

BRASÍLIA. Do concreto ao papel: o nascimento de Brasília na imprensa mundial. Santafé Idéias e comunicação. Brasília: Santafé Idéias e Comunicação, 2012.

CARRERAS, Carles. Da cidade industrial à cidade dos consumidores: reflexões teóricas para debater. In: CAROLS, Ana Fani (Org.); CARRERAS, Carles. (Org.). Urbanização e mundialização: estudos sobre a metrópole. São Paulo: Contexto., 2005.

COSTA, Everaldo Batista da. A Concretude do Fenômeno Turismo e as Cidades-Patrimônio-Mercadoria: Uma Abordagem Geográfica. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2010.

\_\_\_\_\_. Totalidade urbana e totalidade-mundo: as cidades coloniais barrocas face à patrimonialização global. 445 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana), Programa de pós-graduação em Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

\_\_\_\_\_. Intervenções em centros urbanos no período da globalização. Cidades. Presidente Prudente, v.9, n. 16 p. 86-117, 2013. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/viewFile/2374/2118>. Acesso em 15 out. 2015.

COSTA, Everaldo Batista da; SCARLATO, Francisco Capuano. Patrimônio da Humanidade: universalismo de um apoderamento territorial soberano. In: COSTA, Everaldo Batista et al. Valor patrimonial e turismo: limiar entre história, território e poder. São Paulo: Outras Expressões, 2012, p. 103-136.

COSTA, Everaldo Batista da; STEINKE, Valdir Adilson. Brasília meta-síntese do poder no controle e articulação do território nacional. Scripta Nova - Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona. Vol. XVIII, núm. 493 (44), nov. 2014. Disponível em : < <http://www.ub.edu/geocrit//sn/sn-493/493-44.pdf>>. Acesso em 15 out. 2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Capitalisme et schizophrénie 2: Mille Platôs. Paris: Les éditions de minuit, 1980.

FERREIRA, F. T. Rizoma: um método para as redes? Liinc em Revista. Rio de Janeiro, Vol. 04, n. 01, p. 28 – 40, 2008. Disponível em: < <http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/viewFile/251/142>>. Acesso em 15 out. 2015.

GADOTTI, Moacir. A escola na cidade que educa. Cadernos Cenpec. São Paulo, Vol. 01, n. 01, 2006, p. 133-139. Disponível em: <http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/160/189>. Acesso em: 15 out. 2015.

GIDDENS, Anthony. As consequências da modernidade. Trad. Raul Fiker. - SP: UNESP, 1991.

HISSA, Cássio Viana. A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

\_\_\_\_\_. Entrenotas: compreensões de pesquisa. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2013.

SOUZA, Solange Jobim; GAMBA JR, Nilton. Novos suportes, antigos temores: tecnologia e confronto de gerações nas práticas de leitura e escrita. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, n. 21, Dez. 2002 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782002000300009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000300009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 15 out. 2015.

KENSKI, Vani Moreira. Novas Tecnologias, o redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente. Informática Educativa. UNIANDÉS - LIDI. Vol.12, n. 01, pp. 35 – 52, 1999.

LANDOW, George. 2002. O guardião das fronteiras. In: RAMAL, Andrea Cecília. Educação na cibercultura : hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002

LEFEBVRE, Henri. A vida cotidiana no mundo moderno. São Paulo: Ática, 1991.

\_\_\_\_\_. Espaço e Política. Belo Horizonte: EdUFMG, 2008

LEMOS, André. Cibercultura: alguns pontos para compreender nossa época. In: LEMOS, André (Org.); CUNHA, Paulo. (Org.). Olhares sobre a Cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2003, p. 11-23.

MATOS, Olgária Chain Féres. A narrativa: metáfora e liberdade. Revista História Oral. Vol. 4, 2001, p. 09-24. Disponível em: <http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=32>>. Acesso em: 15 set. 2015.

MOESCH, Marutschka. A origem do conhecimento, o lugar da experiência e da razão na gênese do conhecimento do turismo. ANAIS... 5º Congresso Latino-Ameri-

cano de Investigação Turística. São Paulo, 2012. Disponível em: <http://gtci.com.br/congressos/congresso/2012/pdf/eixo7/Moesch.pdf>. Acesso em 15 out. 2015.

MONGIN, Olivier. A condição urbana: a cidade na era da globalização. Trad. Letícia Martins de Andrade. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

RAMAL, Andrea Cecília. Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências. 5. Ed. – São Paulo: Cortês, 2008.

SANTOS, Milton. 1985. A caminho de uma teorização substantiva da urbanização. São Paulo: Separata, 1985.

\_\_\_\_\_. O natureza do espaço. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. Economia espacial. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

\_\_\_\_\_. O espaço do cidadão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SOUZA, Maria Adélia. Meio ambiente e desenvolvimento sustentável. As metáforas do capitalismo. Cronos. Natal-RN, Vol. 9, N. 2, 2009. Disponível em: < <http://www.periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/3289>>. Acesso em 15 out. 2015.